

MIRA (Madalena Romão) [coord.],
Homenagem a Justino Mendes de Almeida
Lisboa: ACDR Editores, 2015, p. 27-41
ISBN 978-972-8855-72-7

AS INFORMAÇÕES EPIGRÁFICAS DE FREI LOURENÇO DO VALLE

José d'Encarnação
CEAAP – Universidade de Coimbra

Ricardo Gaidão
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Arqueólogo

Natural do Porto, onde nasceu a 31 de Dezembro de 1741, Frei José Lourenço do Vale era filho do Licenciado José Lourenço do Vale e de Rosa Maria Engrácia de Campos.¹

Tal como o seu irmão, o abade Francisco José Lourenço do Vale, seguiu a carreira eclesiástica. Sabemos que estudou Grego no Convento de Nossa Senhora de Jesus, em Lisboa, tendo posteriormente passado à Congregação de S. Bernardo em 1772, onde prosseguiu os estudos de línguas clássicas e orientais no Real Colégio de Alcobaça (Vaz, 2009, 193 e 197).

Aqui passou vários anos até ser chamado por Frei Manuel do Cenáculo para o Alentejo, onde o apoiou na organização do espólio do Museu Pacense.

O interesse pelos vestígios materiais do passado ter-se-á revelado seguramente ao longo da sua aprendizagem, influenciado pelas deslocações pelo país e contactos com colegas e mestres.

¹ Arquivo Distrital do Porto. Livro de baptismos – Paróquia de Vitória (1718-1748). Fólio 347. Código de referência: PT/ADPRT/PRQ/PPRT15/001/0009. <http://pesquisa.adporto.pt/viewer?id=491136> (Imagem 350). E: Arquivo Distrital de Braga. Inquirição de genere de Francisco Jose Lourenco Vale e Caetano Jose Lourenco Vale, irmãos. Código de referência: PT/UM-ADB/DIO/MAB/006/29611. <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1377926>.

Sabemos ter visitado o irmão, na sua abadia em Arcos de Valdevez,² tendo aproveitado para recolher informações sobre diversos achados arqueológicos da região, que acabará por publicar em 1791, na obra *Specimen Antiquitatis*.³

O fascínio pela recentemente descoberta escrita indígena do Sudoeste será igualmente uma das suas paixões. Os seus documentos pessoais atestam-na através do elevado número de fólios ocupados com desenhos de estelas funerárias, decalques de moedas, hipóteses de tradução e uma abundante troca de correspondência.⁴

Há notícia de, já no Outono da vida, se ter secularizado: abandonou a vida religiosa, tendo passado por Braga, onde deu aulas particulares de Grego.⁵ Não escapou às garras da Inquisição e chegou a estar preso sob acusações de carácter religioso.⁶

Francisco Vaz informa que Cenáculo recrutou frades da Ordem Terceira para o apoiarem «na criação de bibliotecas e museus» e, dentre eles, Frei Lourenço do Valle, «a quem incumbe de organizar o museu bejense» (2011, 215).⁷ Pensa-se que será nomeação datável de 1791, pois que o museu Sisenando é solenemente inaugurado a 15 de Março desse ano. Aliás, Jacques Marcadé não hesita em o apontar como «son

² Esta visita encontra-se documentada por uma carta de 1778, escrita por Frei José Lourenço do Vale em “domo fratris mei Abbatis S. Mariae do Valle prope oppidum dos Arcos de Valdevez” (Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (b). fl. 23.). Tudo indica que se trata da abadia de Ermelo, padroado real anexo da paróquia do Vale (Arcos de Valdevez). Segundo a investigação de Sandra Nogueira, a extinção deste mosteiro foi decretada em 1533, pelo Abade Geral de Claraval, D. Edme de Saulieu, após ter constatado que o local se encontrava deserto e arruinado. Porém, a Coroa manteve a sua igreja, assim como o privilégio de nomear abades comendatários. Estes abades clérigos passaram a ser os responsáveis pelas igrejas de Ermelo e S. Pedro do Vale, tendo o irmão de Frei Lourenço sido um deles (Nogueira, 2010, 30-35).

³ *Specimen Antiquitatis* / a Iosepho Laurentio do Valle Prothonotario Apostolico, Parocho Reservatorio, Sanctique Officii Commissario Collectum. Genuae: [s.n.], 1791. fl. 8v.

⁴ Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (a) e (c).

⁵ Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (b). Fl. 33. “Agora que vou convalescendo de huma molestia nesta cidade de Braga (...). Portanto depois q’ me secularizei rezedi na Cid.^e de Braga onde não só ensinei publicam.^{te} Teologia Moral mas tambem a lingua grega a quatro Noviços de grande ingenho dos P.^s do Oratorio desta Cid.^e (...)”

⁶ Arquivo Nacional Torre do Tombo. Processo de José Lourenço do Vale. Datas: 18/04/1799-30/10/1799. Cota de Referência: PT-TT-TSO/IE/21/1112A.

⁷ Não nos foi possível consultar trabalhos do Prof. Francisco Vaz, que, na Universidade de Évora, tem dedicado grande atenção à vida e obra de Frei Manuel do Cenáculo, designadamente mediante a cooedenação de projectos de investigação sobre esta temática. Teve a gentileza de nos informar que inventariou, por exemplo, as cartas que Cenáculo remeteu a Frei Lourenço do Valle (2009, 193), assim como as que este «enviou a Cenáculo e que se encontram num Códice da BPE: CXXVIII 2-13, um total de 30 cartas, algumas em Latim, com desenhos de lápides romanas e inscrições... Trata-se de um códice com grande interesse para a área de Arqueologia e Museologia».

premier directeur» atribuindo-lhe a afirmação de que se estava perante o «premier musée public créé au Portugal» (1978, 245).

Criara Cenáculo, como acentua Francisco Vaz (p. 214-216), uma «rede de correspondentes», resultado, de modo especial, dos múltiplos contactos que pudera estabelecer em Roma quando aí participou no capítulo geral, «como membro da delegação» enviada pela Província Portuguesa dos Regulares da Ordem Terceira. Assim se compreendem melhor os seus vastos conhecimentos e, de modo especial, a preocupação que teve em registar por escrito, ele próprio ou a seu mando, tudo aquilo que fora ajuntando na colecção que viria a constituir o acervo do museu, não se esquecendo de mandar anotar também o que, não sendo material susceptível de integrar esse espólio, com ele poderia estar directamente relacionado.

É assim que surgem os manuscritos a que tivemos acesso, da responsabilidade de Frei Lourenço do Valle, fazendo parte de um acervo constituído por folhas dispersas contendo epístolas, rascunhos, desenhos e textos relacionados com as investigações epigráficas do clérigo. Esta miscelânea encontra-se agrupada em nove volumes encadernados, identificados com os seguintes títulos e cotas:

- Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (a). “PHOENICIA CHALDAICA interpretata a P. Josepho Laurentio do Valle”.
- Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (b). “Escritos varios de Fr. José Lourenço do Valle – Cartas – Memorias – Numismatica”.
- Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (c). “Lapides Phoenicii”.
- Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (d). “Archaeologia – Monumentos figurados – Inscricções”.
- Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (e). “Miscellanea – Numismatica – Onomastica – Doc. hist.”.
- Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (f). “Vizita do Bispado de Beja”.
- Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (g). “Specimen Antiquitatis e outras obras impressas do autor”.
- Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (h). “Monumentos romanos da Lusitânia (estampas)”.
- Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (i). “Apparatus ad Scripturam Sacram ab Josepho Laurentio Presbitero”.

Pouco desse material terá sido editado; apenas encontrámos as seguintes obras impressas relacionadas com a temática arqueológica:

- *Antiquitas graecolusitana ex lapide graeco reperto in Palatio Exclmi D. Episcopi Pacensis / interprete Josepho Laurentio do Valle*. Romae : Auctoris Amigus ediit, 1791;

– *Specimen Antiquitatis* / a Iosepho Laurentio do Valle Prothonotario Apostolico, Parocho Reservatario, Sanctique Officii Commissario Collectum. Genuae: [s.n.], 1791.

Em vários destes manuscritos surgem referências marginais a lápis, acrescentadas por Ferreira de Almeida (bibliotecário?), fazendo corresponder as imagens – aliás muito boas! – das epígrafes romanas levantadas por Frei Lourenço ao *corpus* criado por Hübner, o CIL II.

Aliás, foi no CIL II que encontramos informações acerca deste frade, pois que Hübner teve acesso à sua *Autobiografia, o escriptor de si mesmo*, que descobriu na Biblioteca Pública do Porto: «servata in bibliotheca publica Portuensi (ms. A 3, 772)» (CIL II p. 8). Valerá a pena ler o que Hübner escreve a seu respeito, precisamente nessa página de introdução ao capítulo sobre as epígrafes de *Pax Iulia*:

«Lêem-se inscrições pacenses em ambas as suas colecções conservadas na biblioteca de Évora, quer próprias (1, 13) quer dos amigos (1,14); dessas há, nesta segunda, inscrições desenhadas por um certo Félix Caetano da Silva, quase sempre mal reconstituídas pelo Padre José Lourenço do Valle Correia e Freitas, e vão identificadas com numeração contínua, que assinalei».⁸

«E, na verdade, o que aí está menos exactamente descrito quiçá não deva ser atribuído a Cenáculo mas a Lourenço do Valle. Apercebi-me, com efeito, de que não era vasto mas diminuto o engenho desse homem, a partir da sua própria autobiografia, que *o escriptor de si mesmo* escreveu e que se conserva na Biblioteca Pública do Porto (ms. A3, 772). Foi (salvo se está a mentir) protonotário do Sumo Pontífice Pio VII (a Roma se deslocou, decerto, creio que para pedir perdão), comissário do Santo Ofício e, por fim, capelão do bispo Pacense; mas, por causa dos seus vícios – que ele próprio ingenuamente confessa – foi expulso dos claustros dos Beneditinos e dos Bernardos» (CIL II p. 8-9).⁹

Essa *autobiographia* vinha já referida na p. XXVI de CIL II, remetendo precisamente para as páginas 8 e 9. Contudo, não parece que Hübner haja identificado o manuscrito de que ora nos ocupamos, porque – como veremos – a ele não faz referência

⁸ Texto original, em latim: «Leguntur tituli Pacenses in utraque eius collectione Eborae in bibliotheca servata tam proprio (1, 13) quam amicorum (1, 14); quarum in hac depicti sunt tituli a Felice Caietano da Silva quodam, restituti male plerumque a P. Iosepho Laurentio do Valle Correia e Freitas, numerisque signantur continuis, quos ascripsi».

⁹ Texto original, em latim: «Et enim quae minus recte descripta ibi reperiuntur fortasse Cenáculo non tribuenda sunt sed Laurentio do Valle. Novi enim hominis illius ingenium non pingue, sed parum eruditum, ex ipsius autobiographia, quam *o escriptor de si mesmo* inscripsit, servata in bibliotheca publica Portuensi (ms. A 3, 772). Protonotarius fuit (nisi mentitur) Pii VII p. m. (Romam certe adiit, indulgentiae, credo, impetrandae causa), commissarius sancti officii, capellanus denique episcopi Pacensis; sed propter vitia, quae ingenue ipse confitetur, e Benedictorum et Bernardiorum claustribus expulsus».

em relação aos quatro monumentos epigráficos que aí recolhemos, sem desprimor de ter copiado outros de outro fólio. Assim o deduzimos do facto de Hübner citar como transcrita com o nº 1 a inscrição de *Olisipo* consagrada *Aesculapio* (CIL II 175) e de, na introdução à epigrafia de *Collippo* (p. 37), haver desabafado:

«É certo que as alcobacenses¹⁰ foram transcritas por *Frei José de S. Lourenço* (cf. supra n. 175) em fichas, no ano de 1780; mas tão barbaramente que é difícil fazer pior; estão inscritas, sem número, nas *selecta antiquitatis* da biblioteca da Academia de Lisboa».¹¹

Sabemos que a antipatia de Hübner por alguns investigadores peninsulares assumiu traços, como este, eivados de despropositado exagero. De facto, no caso vertente, cumpre afirmar que não terá sido bem assim. Hübner não viu, como adiante se dirá, a totalidade dos desenhos de Lourenço do Valle. Por outro lado, a leitura do artigo de Joaquim Oliveira Caetano (2011) facilmente demonstrará que, mau grado os seus pecados, o frade teve, pelo menos em certa época da sua vida, um fulgor fora de série e também por isso se considerará justificado que um homem inteligente como Frei Manuel do Cenáculo o haja nomeado, a 10 de Janeiro de 1791, para prefeito do museu, instituição que era, sem dúvida, a menina dos olhos do prelado. Não ficará mal, nesse sentido, e de certo modo para reabilitar a memória do frade, transcrever uma passagem do que Oliveira Caetano houve por bem escrever acerca da oração de inauguração do museu:

«Um documento precioso, e já por várias vezes utilizado, para a história da museologia portuguesa e para o pensamento de Cenáculo sobre a função de um museu», aqui apresentado «com microcosmos do Mundo e da História, isto é, como reflexo de toda a criação divina e das acções humanas, devendo assim abranger a memória das civilizações através dos seus objectos e da sua arte, e a memória da criação divina, através da apresentação e catalogação da natureza».

Houve aqui, claro está, a mão de Cenáculo; mas, queiramos ou não, foi o prefeito Lourenço do Valle o seu porta-voz.

Não se nos afigura, pois, despiciendo, num volume de homenagem ao Professor Justino Mendes de Almeida, tecer algumas considerações a propósito das informações de teor epigráfico contidas nas folhas da Biblioteca Pública de Évora, dado que sempre foi essa uma preocupação do saudoso homenageado: complementar ou corrigir leituras

¹⁰ Subentende-se «inscrições».

¹¹ Texto original, em latim: «Alcobacenses [sic] *Fr. Iosephus a S. Laurentio* (cf. supra n. 175) in schedis a. 1780 Latine quidem scriptis, sed tam barbaramente, vix ut magis potuisset, quae sunt in bibliotheca academiae Olisiponensis *selecta antiquitatis* inscriptae (sine numero)».

já apresentadas.¹²

1. *Homenagem ao imperador Lúcio Vero* (IRCP 291, Fig. 1)

Bem conhecida e já diversas vezes comentada e enquadrada no seu tempo,¹³ a placa com que a *Colonia Pax Iulia* homenageou o imperador Lúcio Vero, datável do período de 139 a 161, porque ainda em vida de seu pai adoptivo Antonino Pio, figura no manuscrito desenhada por Frei Lourenço do Valle (Fig. 2).

Hübner (CIL II 47) alude à informação de Pérez Bayer (f. 244), o qual, no decorrer da sua viagem a Portugal em 1782, a viu «en la plaza mayor, en las casas del ayuntamiento, pared que mira al mediodía»; Lourenço do Valle anota que a inscrição se vê *in vestibulo Pretorii Pacensis*; Hübner, porém, que por ali passou em 1861, menos de cem anos depois, afirma, no CIL, «frustra quaesivi», «debalde procurei»; e, no relato que fez da sua viagem à Academia de Berlim, observa: «Em Beja, porém, por negligência, ignorância e cobiça, a maior parte das lápides tem sido empregadas como material de edificação. [...] Já não existe, além de outras, a dedicação da COL(onia) PAX IVLIA a L. VERVS [...]» (Hübner, 1871, 38). Um mistério de ‘desaparecimento’ que os historiadores da cidade decerto já terão resolvido, pois, na actualidade, a placa se encontra ao cimo da escadaria monumental que dá acesso ao piso superior dos Paços do Concelho, ou seja, parece que até nem mudou de sítio!...

Mais complexo tem sido identificar o contexto inicial do monumento.¹⁴ Não nos repugna pensar que se destinou ou a edifício do fórum ou, menos verosimilmente atendendo ao seu tamanho (88 cm de altura e 64 cm de largura), a figurar na face dianteira de um pedestal de estátua. Em IRCP (p. 361, nota 5), conclui-se:

«O certo é que, podendo não ser proveniente do local onde hoje é a cidade, desde muito cedo o texto foi conhecido e tido em consideração pelos Bejenses, que o colocaram em lugares públicos: numa das colunas que ornavam a casa do Terreiro da Farinha (em meados do séc. XVIII), no açougue, nos antigos paços do concelho...».

Creemos bem que o desenho de Frei Lourenço do Valle poderá equivaler a uma dessas ‘paragens’, por exemplo a do Terreiro da Farinha, em que à epígrafe, para lhe dar

¹² Ver em Oliveira 1984 e 1985 alguns desses seus artigos, nomeadamente preparados em colaboração com Fernando Bandeira Ferreira.

¹³ Além do estudo feito em IRCP 291, pode assinalar-se o que se escreveu em 2007, p. 363.

¹⁴ Em IRCP 291, aponta-se como possível local inicial de achado a Herdade da Lobeira, freguesia de Santiago Maior, Beja, pelos motivos aduzidos na referida nota 5 (p. 361).

melhor enquadramento, se terá associado um bucrânio, possivelmente um dos que em Beja foram encontrados.¹⁵

2. A estela de Vila Ruiva (IRCP 328 - Fig. 3)

Outro dos monumentos que Hübner não encontrou nos manuscritos de Lourenço do Valle foi a estela que ainda hoje pode ver-se reutilizada no quinto pegão, do lado de montante, da ponte de Vila Ruiva, na parte que já pertence ao concelho de Alvito.¹⁶ Por isso, optou por inserir o texto na secção «Inscriptiones Lusitanicae Originis Incertae» (CIL II p. 117), sugerindo como mais provável a sua proveniência do Norte da Lusitânia (Fig. 4).

Foi Lourenço do Valle assaz meticoloso na sua descrição da ponte, cujas dimensões dá, em varas, e também nos desenhos que apresenta (Fig. 5). Transcreva-se o que diz acerca dos dois monumentos, para que conste:

«No arco 5º estão nele introduzidas as pedras do Num. 1. e 2. A pedra do Num. 2. está toda picada, e pelas extremidades se conhece ser sepulcral com este feitio».¹⁷

3. A estela de *Dutia* (Figs. 6 e 7)

Numa outra folha, o desenho da estela funerária de *Dutia*, hoje exposta no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses, assim como o desenho do sarcófago, também ele guardado no mesmo museu. Estudou-a exaustivamente Manuela Alves Dias (nº 1205, p. 225), donde, com a devida vénia, tomamos a liberdade de reproduzir a excelente fotografia (da autoria de J. Pessoa).

Valerá a pena, porém, transcrever os elementos que, em latim, Frei Lourenço do Vale apresenta.¹⁸

Assim, em jeito de diálogo com o leitor («Habes, lector, quod de nostra Lusitania silvuit antiquitas», que é como quem diz «sabes, leitor, como silenciosamente repousam por aí coisas antigas da nossa Lusitânia»...), dá conta de que – «non sine stupore», ‘não sem surpresa’ – a descoberta ocorreu, em 1774, num terreno perto da

¹⁵ São deveras elucidativas, a esse respeito, as considerações de Leite de Vasconcelos (1913, 514-519), nomeadamente quando relaciona com os cinco bucrânios romanos identificados na cidade – já referidos, aliás, como assinala, por Frei Amador Arrais, que escreveu ser a cidade «distinta com divisas de cabeças de bois de mármore, lavradas per gentil arte» – a tamanha importância que ali se ligou ao animal «que até enobrece as armas da cidade, e já há muito» (p. 514-515).

¹⁶ Foi Jorge Feio que teve a amabilidade de nos informar que a Ribeira de Odivelas constitui o limite entre os dois concelhos de Alvito e Cuba, estando o pegão com a epígrafe do lado de Alvito.

¹⁷ Em IRCP (p. 400, n. 1) dá-se também conta da existência dessa outra ara, levantando-se a hipótese de a inscrição estar para o lado de dentro.

¹⁸ Não nos demoramos na descrição do sarcófago, mas fique-se a saber que ela aí existe.

povoação de Valado (concelho de Alcobaça), onde a profusão de vestígios antigos, como telhas e tijolos partidos e escórias, lhe sugeria a existência de vetusta cidade antiga: «quantum ibi magnum extitisse oppidum». Cita a epígrafe e lê-a: «Sententia ita mihi legi videtur: Diis Manibus. Dutiae Taucini Filio Amº Enan Silvani, Filiae Matri Ponere Curarunt». Não arrisca uma interpretação (aliás, para ele deveras difícil, atendendo à leitura feita) e passa de imediato à narração do achamento do sarcófago assim como à sua descrição pormenorizada.

A esta informação acedeu Hübner, que cita Valle e dá correcta interpretação da epígrafe (Fig. 8: CIL II 352 e p. 695 e 813), mesmo não tendo chegado a examiná-la.

A título de complemento, dir-se-á que, no mapa 116 (p. 163) do *Atlas Antropónimoico* referido na bibliografia, se citam (incluindo este) seis testemunhos do antropónimo *Dutius* na Lusitânia e se deve emendar para 30 o nº 34 aí mencionado, de *Collippo* (Leiria). Também no livro de Ana Sá, há que corrigir no índice dos nomes: a inscrição 164 diz respeito a uma *Dutia* (e não a *Dutio*).¹⁹

Quanto à epígrafe, observe-se que o *ordinator* procurou seguir um eixo de simetria nas fórmulas da primeira e da última linhas, com alinhamento à esquerda nas demais; os nexos – NA (l. 3), AM (l. 4) e NA (l. 5) – serviram-lhe para uma paginação de acordo com a lógica do texto: um elemento em cada linha. Cremos que a breve haste vertical inferior leva a interpretar G (l. 3) e não C e não se nos afigura despicendo sublinhar que Lourenço do Valle «viu» um pequeno O na l. 4, actualmente pouco perceptível já, como acontece, de resto, com as letras da parte final do letreiro, devido à erosão sofrida.²⁰

Acrescente-se que tem sido nossa opção uma tradução quase «epigráfica» também. Ou seja, não se nos afigura coerente traduzir palavras que na epígrafe não figuram. Assim, não está escrito *S(acrum)*, pelo que se não deve traduzir «consagrado»; não há o possessivo *suae* a precisar *matri*²¹ e, por isso, não se porá na tradução. Finalmente, este tipo de monumentos, datáveis – pela paleografia, pela onomástica e pela simplicidade do texto – da segunda metade do século I da nossa era, assumem também um carácter honorífico, pelo que não será desprovido de senso considerar em dativo o nome da defunta.

Atendendo aos comentários atrás exarados, afigura-se-nos pertinente dar a leitura e a tradução que preconizamos:

¹⁹ Sobre a ocorrência deste antropónimo na Península Ibérica – com as grafias *Dutius* e *Doutius* – veja-se Vallejo, 2005, p. 312-313: «se presenta como nombre preferentemente lusitano, aunque con extensiones hacia los galaicos».

²⁰ Confronte-se o que escreve Hübner na p. 813: «descripsit accurate Alfredus d'Andrade (...) qui v. 4 legit MoENAA: in quo latere potest *Amoena M(inicii?) Silvani filia*». Deve-se a essa erosão e aos maus tratos a cavidade rugosa no fim da l. 4, que levou Lourenço do Valle a ver aí um N, 'transformado' em M no registo nº 21 405 de <http://eda-bea.es/>, certamente por influência da hipótese lançada por Hübner na referida p. 813.

²¹ Deve-se a distração a leitura *mater* (em vez de *matri*), apresentada por Manuela Alves Dias.

D(iis) · M(anibus) / DVTIAE / TANGINI · F(iliae) / AMOENA / ⁵ SILVANI · F(ilia) / MATRI / P(onendum) C(uravit)

Aos deuses Manes. A Dúcia, filha de Tangino – Amena, filha de Silvano, à mãe mandou erigir.

4. Um *sigillum* do século V a. C. (Fig. 9, 10 e 11)

Dos desenhos de epígrafes constantes em meio de tantas folhas com reproduções de dezenas de numismas um nos chamou particularmente a atenção (Fig. 9). Vem descrito como «sello de bronze com seu aro de traz para se lhe pegar» e considera-se que «he uma peça romana das antigas pela sua forma e figura das letras que dizem = *Spurius Nautius Rutilius* [sic], *Sextus Furius Fusus* [sic] *Consules ex Senatu consulto determinarunt.* =». Explica-se depois que «viverão e governarão 487 annos de Christo Nosso Senhor nascer» e aponta-se a bibliografia justificativa.

À primeira vista, o tipo de letra até poderia remontar à época romana. Os cônsules referidos, ainda que de nome grafado de forma não habitual para a época (caso do *nomen* em abreviatura), até existiram.²² Seria, desta sorte, a mais antiga epígrafe romana conhecida! Um carimbo destinado, quiçá, a autenticar pelos cônsules importante documento que veiculasse decisão senatorial: EXS S(enatu) C(onsulto) D(eterminarunt)!...

Logo os colegas que consultámos nos apontaram a pista da falsificação,²³ inteiramente compreensível, aliás, logo no século XVIII. Não nos admirava nada que, na viagem a Roma, referida no início desta nota, Frei Manuel do Cenáculo tivesse comprado como autêntico ou lhe houvesse sido oferecido por um amigo um sinete assim. Certo é que nada no manuscrito leva a supor estarmos perante uma falsificação.

Uma certeza se tinha, porém: o *sigillum* com que se fizera a impressão existira! Fizera parte integrante, não havia dúvida, da colecção de Frei Manuel do Cenáculo e, por conseguinte, destinava-se a ser exposto no seu museu. Seguimos, pois, duas pistas: se existia na colecção, deveria ter sido visto por Hübner; se não se perdera, estaria no actual Museu de Évora, para onde se trasladara a colecção do Museu Sisenando Pacense!

Deu resultado a primeira: é o n° 476* do CIL II (Fig 10). É o primeiro de oito que Hübner *descripsit et damnavit*, acrescentando: «Etiam in aliis museis exempla reperiuntur signaculorum similium». Viu este no Museu de Évora; 5 na Biblioteca

²² Lassère (2007, p. 945) cita-os assim, para o ano de 488 a. C.; Sp. Nautius Sp. ? f. Rutilus – Sex. Furius Medullinus ? Fusus ? E são mesmo os 22^{os} como Lourenço do Valle indica.

²³ Agradecemos a António Sartori, Juan Manuel Abascal e Marc Mayer as judiciosas considerações que houveram por bem partilhar connosco, nomeadamente no que concerne à utilização do bronze e ao facto de serem «siempre post-augustea y se utilizan para la marca de productos cerámicos» (Abascal). «Credo anch'io che sia un falso: il mondo dei *signacula* ne è infestato!» (Sartori).

Pública de Lisboa; 1 no museu público do Porto e outro em casa de um particular, em Madrid. Não teve, porém, acesso ao manuscrito de Frei Lourenço do Valle; se calhar, vendo-o, poderia ter mudado um tudo-nada a sua opinião acerca do «bárbaro» frade pecaminoso!...

E deu resultado a segunda: esta ‘matriz sigilar’ integra o acervo do Museu de Évora, com o nº de inventário ME 3403 (Fig. 11). A ficha descreve-o como «matriz sigilar de suspensão, em bronze, de formato rectangular, com pega circular, que tem o campo totalmente preenchido pela inscrição». Data-se do período romano; tem de altura 2,9 cm e 6,4 de largura. Confirma-se que veio da Coleção de D. Frei Manuel do Cenáculo, transferido, em 1915, da Biblioteca Pública de Évora.²⁴

Conclusão

Há sempre surpresas que esperam por nós e desta sorte frutificou o exemplo de Justino Mendes de Almeida, como epigrafista, no seu labor de rever leituras, de justificar interpretações, de dar a conhecer manuscritos.²⁵

A descoberta, no riquíssimo espólio da Biblioteca Pública de Évora de um manuscrito da autoria de um frade cuja identificação e cuja relação com Frei Manuel do Cenáculo desconhecíamos, levou-nos a perscrutar a sua presença em textos antigos e modernos e a melhor ajuizar acerca das informações que os seus desenhos transmitiam.

Permitiu-nos, enfim, mais adequada visão sobre o modo como, no século XVIII, se dava atenção às epígrafes e cuidadosamente delas se fazia pormenorizado registo. Os dados de que hoje dispomos ajudaram, finalmente, a retirar conclusões.

Bibliografia

ALMEIDA, Justino Mendes de; FERREIRA, Fernando Bandeira, «Varia epigraphica», *Revista de Guimarães* 77 1967 47-69.

CAETANO (Joaquim Oliveira), «Os projectos do architecto Joaquim de Oliveira para as Bibliotecas-Museu de Frei Manuel do Cenáculo», *Revista de História da Arte* 8 2011 48-69. Disponível em http://iha.fcsh.unl.pt/uploads/RHA_8_2.pdf

CIL II = HÜBNER, Emílio, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, Berlim, 1869 e 1892.

DIAS (Maria Manuela Alves), «Pequenas notas de história antiga e epigrafia», *Conimbriga* XXIV (1985) p. 85-95. Sobre o sinete de Évora: p. 92.

²⁴ Agradecemos à Dra. Maria do Céu Dez-Réis Grilo, responsável pelo inventário do museu, assim como a Helena Varela, a pronta atenção com que nos facultaram estes elementos.

²⁵ Estamos a recordar a reapreciação que fez, com Bandeira Ferreira, no artigo de 1967, do itinerário seguido pelo *Anónimo Napolitano*, que veio permitir atribuir ao território cascalense epígrafes cujo local de achado se não determinara com exactidão (cf. Encarnação, 2001, p. 11-12).

ENCARNAÇÃO (José d'), *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Câmara Municipal de Cascais, 2001.

ENCARNAÇÃO (José d'), «O culto imperial na epigrafia da Lusitânia ocidental: novidades e reflexões», in NOGALES (Trinidad) e GONZÁLEZ (Julián) [edit.], *Culto Imperial: Política y Poder* (Actas do congresso realizado no Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, 18-19.05.2006), Roma, 2007, p. 349-367. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/10506>

HÜBNER (Emílio), *Noticias Archeologicas de Portugal*, Lisboa, 1871. [Tradução de A. S., por ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa].

IRCP = ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra, 1984. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/578>

LASSÈRE (Jean-Marie), *Manuel d'Épigraphie Romaine*. Picard, Paris, 2007.

MARCADÉ (Jacques), *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas: Évêque de Beja, Archevêque d'Évora (1770-1814)*, Paris, Centro Cultural Português, 1978.

NOGUEIRA (Sandra Conceição Silva), *O Mosteiro de Ermelo em Arcos de Valdevez: um contributo para a sua história*, Porto [edição de autor], 2010. [Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10216/56133>

OLIVEIRA (Eduardo Pires), *Bibliografia Arqueológica Portuguesa (1935-1969)*, Departamento de Arqueologia (IPPC), Lisboa, 1984, p. 20 (os artigos publicados por Justino Mendes de Almeida com revisão de leituras de monumentos epigráficos). IDEM, na *Bibliografia Arqueológica Portuguesa (1970-1979)*, Lisboa, 1985, p. 18.

VASCONCELLOS, José Leite de, *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, III, 1913. (Reimp. 1989).

VAZ (Francisco António Lourenço), *Os Livros e as Bibliotecas no Espólio de Frei Manuel do Cenáculo: repertório de correspondência, róis de livros e doações a bibliotecas*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2009.

VAZ (Francisco António Lourenço), «Em Beja com os olhos no mundo – O papel dos meios de informação no episcopado de Frei Manuel do Cenáculo», in FONSECA (Teresa) e FONSECA (Jorge), *O Alentejo entre o Antigo Regime e a Regeneração. Mudanças e Permanências/Colóquio*, Edições Colibri, Lisboa, 2011, p. 209-230.

Fontes manuscritas

Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (a). “PHOENICIA CHALDAICA interpretata a P. Josepho Laurentio do Valle”.

Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (b). “Escritos varios de Fr. José Lourenço do Valle – Cartas – Memorias – Numismatica”.

Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (c). “Lapides Phoenicii”.

Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (d). “Archaeologia – Monumentos figurados – Inscriptões”.

Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (e). “Miscellanea – Numismatica – Onomastica – Doc. hist.”

Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (f). “Vizita do Bispado de Beja”.

Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (g). “Specimen Antiquitatis e outras obras impressas do autor”.

Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (h). “Monumentos romanos da Lusitânia (estampas)”.

Biblioteca Pública de Évora. CXXVIII/2-13 (i). “Apparatus ad Scripturam Sacram ab Josepho Laurentio Presbitero”.



Fig. 1 – Placa com que a *Colonia Pax Iulia* homenageou o imperador Lúcio Vero.



Fig. 2 – Placa da Fig. 1, desenhada num manuscrito por Frei Lourenço do Valle



948 Inter Pacenses.

ANNIS
ARCONIS
NEC. - SIV.

Levy 174, 384 'o ms. Statii da Veiga v. cl',
quod falsum esse mihi roganti rescripsit da
Veiga; o Mourisac schedis desumpta videtur.

Fig. 3 – Estela de Vila Ruiva

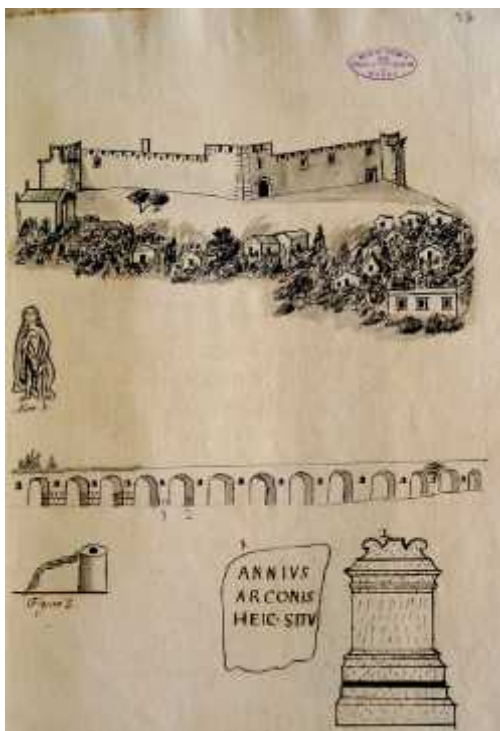


Fig. 4 – Nas *Inscriptiones Lusitanicae Originis Incertae*

Fig. 5 – Desenhos de Frei Lourenço do Vale, da ponte de Vila Ruiva.

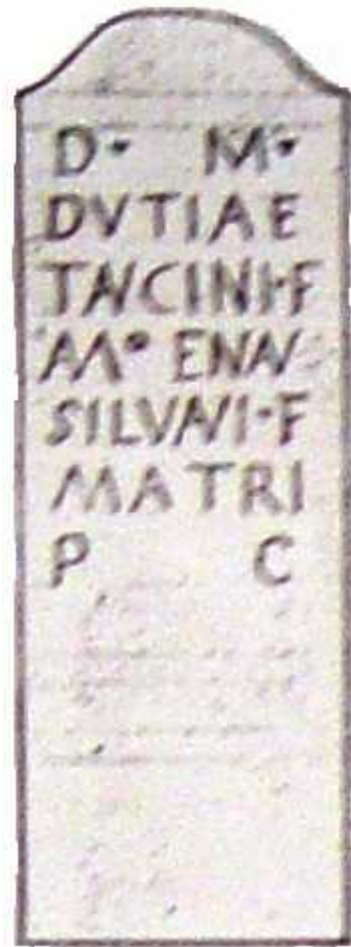
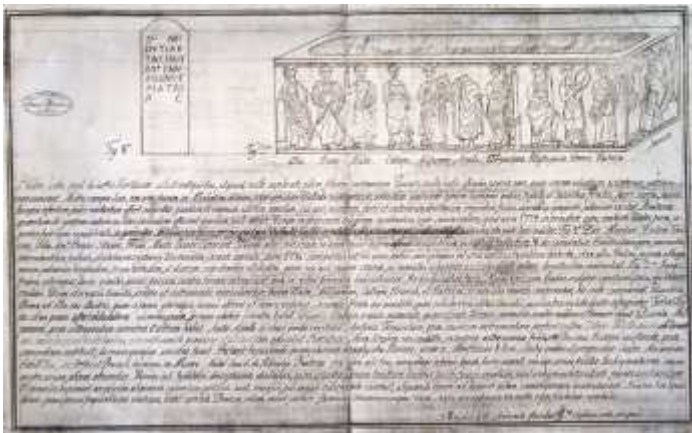


Fig. 6 – Desenho da estela funerária de *Dutia* e do sarcófago. Fig. 6a – Detalhe.



Fig. 7 – Estela funerária de *Dutia*.

352 Lugar do Vallado, rep. a. 1774 (1780 Vit.), in praedii Alcobaçensis muro prope oppidum servatur *Lour. A. 1798* in ecclesia Alcobaçensi Vit.

D · M
DVTIAE
TINCINI · F
M · ENA
SILVNI · F
MATRI
P · C

Fr. Iosephus de S. Lourenço G; Viterbo 1, 78 (inde Levy 207, 466). *Lego d. M. Dutias Tancini (filiae) Amoenae Silvani (filiae) matri p(romendum) curacit).*

Fig. 8 – CIL II 352



Fig. 9 – Página do manuscrito com o desenho e a explicação do *sigillum*

STICVM.

476*—482* Signacula aere falsa, Eborae in museo Co-
nstantino n. 476*; Olisipona in bibliotheca publica n. 477*
478* 479* 480* 482*. In Forti in museo publico
n. 479*; Matridi apud Paschaem Gayangos n. 481*.

476* SP·NAV·AVTILVS
SEX·PVX·PVSVS
COSS·ED·S·C·D

477* C·MARIVS
M·AQUIL·

478* C·ON·PLANC
AED·CVR·D

479* C·I·VIRI
V·NOSTR

480* TI·IVLIO
AVG·L
M·NESTOR

ab altero lateri:
S·P·Q·R
D·S

481* L·S·CENNINI
C·ALI·M·V·E

482* C·P·
A·

Descripsi omnia et demorati; etiam in aliis numis exemplis
reperiuntur signaculorum similia.

Fig. 10 – CIL II 476*



Fig. 11 – Matriz sigilar. Foto gentilmente cedida pelo Museu de Évora.

NOTA DOS AUTORES: Versão corrigida do que foi publicado no volume atrás indicado, na medida em que, por ausência de revisão, escaparam gralhas que ora se emendam. A paginação original foi mantida. Acrescentou-se a referência ao texto de M. M. Alves Dias, que não se citara, por lapso.